

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0015988

F
469.2
D155

PALAVRAS SÔBRE
"LINGUA BRASILEIRA"

DE

ZILLAH DO PAÇO MATTOSO MAIA DAMASCO

PROFESSORA CATEDRÁTICA, RECENTEMENTE APOSENTADA, DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE NITERÓI



2 DE OUTUBRO DE 1946

1946

IMPRESA NACIONAL
DE JANEIRO - BRASIL

F 469
D155a

ALGUMAS PALAVRAS SÔBRE
"LÍNGUA BRASILEIRA"

DE

ZILLAH DO PAÇO MATTOSO MAIA DAMASCO

PROFESSORA CATEDRÁTICA, RECENTEMENTE APOSENTADA, DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE NITERÓI



2 DE OUTUBRO DE 1946

1946

IMPrensa NACIONAL
RIO DE JANEIRO - BRASIL

F
469
D155a

10015970

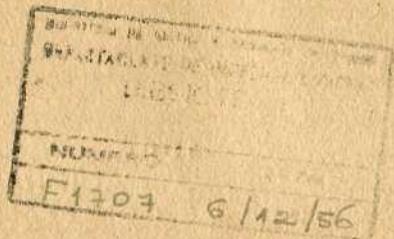
ALGUMAS PALAVRAS SÔBRE "LÍNGUA BRASILEIRA"

Através de tantos séculos de acontecimentos históricos, mistura de povos e raças, não é de estranhar que os vocábulos, expoentes das ideias, passem por transformações profundas, entre as quais, aparecimento de sons, desaparecimento, refôrço, mutilações silábicas, etc. Varia a pronúncia, segundo os lugares e os tempos, de um clima a outro. Quando as alterações fonéticas se dão em grande escala, em algumas partes da zona geográfica em que a língua é falada, ficando incólume outra parte, produzem-se os dialetos. Assim, o latim falado em extensas e longínquas províncias, corrompeu-se, barbarizou-se, transformando-se em um dialeto rústico, popular, que derivou o Romano, Romance ou Romanence, fonte das línguas modernas da raça latina.

Na decomposição do Romano, cada província procedia de um modo particular. Essas línguas intermediárias disciplinaram-se formando as línguas Românicas, também chamadas neo-latinas, novo-latinas, novi-latinas ou simplesmente — latinas: português, espanhol, francês, provençal, italiano, rumeno (valáquio).

Se as alterações fonéticas a que nos referimos, não são generalizadas, produzem-se as variações dialectais. Dialeto é o idioma especial a um país, a uma província, cidade ou estado, alterado da língua fundamental, na pronúncia, acentuação, no sistema flexional, no léxico e no mecanismo sintático.

O português falado no Brasil, a nosso ver, não constitui dialeto. A essas variações regionais, dialectais, denominamos "Brasileirismos (e Estadualismos)", como vemos no Vol. I da 3.^a edição, há muito esgotada, do nosso trabalho — Gramática da Lín-



gua Portuguesa. Nosso léxico não se alterou, enriqueceu-se com êsses vocábulos de origem indígena, de línguas nativas do Brasil, aqui encontradas na época do seu descobrimento; e, mais tarde, com têrmos de origem africana, dessa gente que os portugueses traficavam para cultivar o solo brasileiro. A palavra falada, a linguagem, tem parte dinâmica, que imprime a vida.

A sábia natureza varia tudo quanto produz (2). Vemos a variabilidade nas fisionomias, nos temperamentos, nos caracteres, etc. Em uma árvore não encontramos duas folhas perfeitamente iguais; há sempre uma diferença, por mais leve que seja. A inflexão, a modulação da voz humana e a palavra, o som articulado, também estão sujeitos a essa lei; variam segundo a latitude, as raças e a influência do meio. Assim, no português falado no Brasil, a pronúncia é mais frouxa, mais suave, do que no português falado em Portugal; o falar dos Nortistas é descansado, nêle soam largas, abertas, tôdas as sílabas dos vocábulos; em São Paulo é cadenciado, etc.

Semelhantes a essas alterações que se deram no período histórico da formação de nossa língua, em virtude das mesmas leis biológicas — a do menor esforço e a do princípio de transição, observamos alterações na prosódia popular, depois de constituída a língua. Segundo a lei do menor esforço, temos a degeneração fonética, a decomposição dos sons dos vocábulos (o abrandamento e a queda, perda ou desaparecimento de sons, assimilação e dissimilação); mas, segundo a condição da existência — a luta pela vida — vemos a reação na força conservadora do acento tônico, na imutabilidade da consoante inicial, nos neofonemas ou

(2) Snider — "Le motif se trouve clairement expliqué par le mouvement universel et la constante rotation de la terra. Comme les êtres ou les objets qui naissent, poussent ou viennent au monde, paraissent toujours au moins à quelque centième de minute de distance les uns des autres, cela suffit pour justifier le fait de leur diversité; n'arrivant pas exactement au même instant ni dans des circonstances rigoureusement semblables, des différences intérieures ou extérieures de physionomie, d'organes, d'accentuation, etc. doivent se produire, puisque les conditions ont successivement varié. Ainsi, il y a pour cette diversité, motif de distance, motif de position, motif de climat et motif de temps. Le motif de temps suffirait à lui seul pour expliquer la variété des physionomies et des organes; car dans la même minute, dans la même seconde, à deux metres de distance, le temps est différent..."

sons adventícios, no refôrço de sons, dando-se assim — o equilíbrio da vida vocabular. Muitas destas alterações prosódicas encontramos ainda hoje, entre a gente rude, tenaz conservadora da pronúncia antiga, e entre os poetas que, devido ao compasso métrico de seus versos, gozam dessa concessão prosódica, o que constitui as figuras de dicção. (V. fig. de metaplasmo). Determinada ainda pelo princípio do menor esforço e por influência do meio, vemos apenas entre o povo rude, analfabeto, a continuidade das alterações prosódicas, o que constitui os vícios de pronúncia (corrupção prosódica). Vemos também formas arcaicas, formas intermediárias entre as primitivas e as atuais (corrupção fonética): estamago, frutas, questã, cadê (que é de), fre-mosa, entonces, piadade, diacese, anteadó, assi, titor, lanterna, quá (qual), farta (falta), adevogado, calidade, non hai, diguindade, truxe, propio, prostar (prostrar, proprio), pertubar (perturbar), teiado (telhado), miio (milho), fiio (filho), trabaio (trabalho). Tchave, tchapéu (chave, chapéu), djente, djogo (gente, jôgo) — entre os caipiras de São Paulo. Segundo Diez, dje, tche são formas primitivas de je e che. Dje é som românico genuíno, existe em Provençal, Italiano e no século XIII existiu no Francês que o transmitiu ao Inglês — Jealousy. Em Latim, no século IX, se encontram as formas pegiorentur, pediorentur por pejorentur. Tche é som romântico, castiço, existe em Provençal, Italiano, Espanhol e existiu no Francês donde passou para o Inglês, que ainda o conserva: chamber. A existência de ambas estas formas no falar do interior do Brasil, pondera um escritor, prova que estavam em uso entre os colonos do Séc. XVI. Como dissemos, o povo rude é conservador tenaz dos elementos arcaicos da língua.

Lh — variante de le, li representa o som molhado de l. Empregava-se antigamente l ou ll = lh, precedidos do som palatal i que muitas vezes não figurava na grafia, aparecendo levemente na pronúncia ex.: fillo (filho), migala (migalha), molo (mólho), etc. Em francês êste som ainda é representado por il ou ill, ex: travail, fille, deuil, orgueil, etc. Os parisienses, porém, pronunciam travaii, fiie, etc. No Brasil, como vimos, o povo rude também substitui lh pelo som palatal de i, pronun-

ciando: bataia, trabaio, miiio, fiio, moio, etc. (batalha, trabalho, milho, filho, mólho). Estes vícios que se notam na pronúncia do povo analfabeto, são tradicionais; a sua persistência é devida à falta de instrução. Não se generalizam ao meio culto.

Quanto à linguagem escrita, entre pessoas de cultura intelectual, no Brasil a língua portuguesa não apresenta modalidades apreciáveis, a não ser relativamente à colocação dos pronomes oblíquos; e as Reformas Ortográficas tornaram a nossa grafia a mesma de Portugal. Quanto ao sistema flexional, também é o mesmo.

Pelo exposto, vemos que não existe afastamento que dê a estas variações regionais ou dialectais, — que denominamos “Brasileirismos (e Estadualismos)”, — fóros de língua, de idioma de uma nacionalidade. Assim pois, não é cabível a denominação de “Língua Brasileira” ao português falado no Brasil.

Brasileirismos são vocábulos e expressões peculiares ao Brasil. Referem-se: a) ao emprêgo de palavras de origem indígena e africana, ex.: girimum (abóbora), pacova (banana), cajú, abacate, abacaxi, capim, goiaba, caroba, jacarandá, gibóia, cotia, tijuco (barro); samba, lundú, vatapá, angú, inhame, batuque, jongo, quibebes, moleque, etc. Itapoan (pedra redonda), Jacaré-pagua (lago dos jacarés), Andaraí (rio dos morcegos), Paquetá (muita paca), Niterói (água escondida, abrigada), Catumbi (à beira da mata), Itacuruçá (cruz de pedra), etc. Modos de dizer do povo, na conversação familiar: estar na ponta (estar saliente); levar de tábua, de taboca (não conseguir seu intento, receber uma recusa de casamento); ver-se em assados, em apuros (achar-se em apertos); subir a serra (zargar-se), etc. b) ao emprêgo de vocábulos que, além da significação geral, adquirem no Brasil nova significação, ex: amolar (importunar) — influência popular; engrossar (adular) idem; azular (voar para o azul do céu, desaparecer, fugir) idem, etc.

Os brasileirismos são estadualismos quando os vocábulos assumem nova significação de um lugar para outro, em zona limitada: Campear (acampar, guerrear, distinguir-se, etc.) — procurar o gado no campo, procurar alguma coisa difícil de encontrar (no interior do Brasil). Tinhoso (que tem tinha) —

o diabo (idem) Costureira (pessoa que cose) — máquina de costura (idem), Pião (brinquedo, pedaço de madeira terminado em ponta, etc.) — domador de animais (idem) Pinga (pequena quantidade de líquido, etc.) — cachaça (idem). Quitanda (negócio, casa em que se vendem hortaliças, etc.) — docinhos, biscoitos, broas, etc. (idem), etc. A influência regional ou dialectal tende a ser maior ao Sul, principalmente nas fronteiras, onde se encontram em abundância, termos castelhanos, numerosas formas dialectais.

Segundo Whitney, a alteração semântica se reduz a duas leis: especialização das ideias gerais; generalização das ideias especiais. Como vemos no vol. II do nosso aludido trabalho, semântica é a ciência da significação dos vocábulos, por oposição à fonética, ciência dos sons (Bréal). Assim como a natureza varia tudo quanto produz, o espírito, pela interpretação, matiza o pensamento com os tons da variabilidade. Essa lei da natureza é devida ao movimento perpétuo. Relativamente à significação, essa lei também é devida a um movimento perpétuo: a atividade psíquica a qual, secundada pelo fio da analogia, guia a inteligência no labirinto dos fatos. Nessa interpretação intervêm: a associação de ideias, a comparação, a reflexão e a razão. Na compreensão semântica das línguas, a interpretação é o gesto pelo qual o espírito imprime a variabilidade na significação, — a vida vocabular.

1946
IMPRESA NACIONAL
RIO DE JANEIRO - BRASIL